

## Como ocorrem as Revoluções

Robert Kardiner\*

Existem as revoluções antes do capitalismo e as revoluções depois do capitalismo. As revoluções depois do capitalismo é o que abordaremos aqui, ou seja, as revoluções proletárias.

As revoluções são grandes explosões sociais. Essa explosão social é geralmente surpreendente, inesperada. Que esperava a Comuna de Paris de 1871? Quem esperava a Revolução Russa de 1917? Quem sabia que iria ocorrer a Revolução Alemã em 1918? O maio de 1968? A revolução em Portugal em 1974? Ou na Polônia em 1980? A lista poderia ser ampliada e dezenas de outros casos poderiam ser incluídos.

A supressa revolucionária poderia gerar a ideia de que elas são imprevisíveis e incompreensíveis. Mas a surpresa ocorre por dois motivos: ela aparece por que os indivíduos em geral e os pesquisadores e militantes em particular, não analisam o processo de constituição da revolução e por que a explosão pode ocorrer a qualquer momento num determinado contexto e sua ocorrência pode ou não acontecer, sendo de difícil previsão.

A surpresa pode ser superada se houver uma espécie de “observatório da revolução”, que analise as condições de possibilidade de uma revolução e os processos desencadeadores da mesma. As condições de possibilidade já foram abordadas por Karl Marx em seu nível mais geral. A existência de uma classe explorada ao lado de um mundo de riquezas e um mercado mundial que unifique e cria uma interdependência mundial. Essas condições existem hoje em todos os países.

Isso gera a tendência da revolução e sua possibilidade de efetivação. Existem, no entanto, contratendências. O desenvolvimento das forças produtivas e a

---

\* Autor de *Revolutionary Pamphlets*. Tradução: Carlos Araújo. Disponível em: <http://observatorioderevolucao.blogspot.com/2016/07/como-ocorrem-as-revolucoes.html>

mundialização do capitalismo reforça a tendência para uma revolução proletária, mas o capital visa controlar e evitar que tal tendência se concretize. O Estado, os organismos internacionais, a cultura, as formas de cooptação e adequação da luta e resistência aos trâmites burocráticos e democráticos institucionais, entre outros processos de tendência contrarrevolucionária são obstáculos.

Isso dificulta que a classe universalmente explorada e dominada se rebele. É no proletariado que está o embrião da revolução social. Por isso é preciso observar a situação, a dinâmica, as lutas, do proletariado. Esse processo está presente nas fábricas e empresas capitalistas, nas lojas e onde existe não só o proletariado como também outras classes trabalhadoras que são submetidas ao capital. Também está nas ruas, escolas, instituições, ou seja, na vida cotidiana. E por isso a dominação burocrática está em tudo, controlando a arte e produção artística, o saber e a produção intelectual, os operários, os estudantes, os trabalhadores em geral, as mulheres, os desempregados. O capital gera uma burocratização que gera controle sobre a produção de mercadorias, de ideias. Isso se expande e por isso até a luta é controlada pelo capital.

A luta operária e dos revolucionários era o único espaço de liberdade relativa para os indivíduos na sociedade capitalista. Ela foi paulatinamente se perdendo. O capital se apropriou das organizações dos trabalhadores ao inseri-las em sua lógica reprodutiva, seja a democracia representativa, seja a legalidade e burocratização ao ser submetido ao Estado. O capitalismo separou e isolou os setores mais radicais da sociedade. A primeira separação foi entre proletários e organizações, que deixaram de ser proletárias e se tornaram burocráticas (partidos e sindicatos). A segunda separação foi a entre revolucionários (marginalizados e distantes dos trabalhadores e das organizações burocráticas partidárias e sindicais) e proletariado. A terceira separação foi entre intelectuais revolucionários e proletariado, através de mais burocracias e controle da produção intelectual (especialmente as universidades). A quarta separação é a entre as formas de consciência revolucionária e as formas de luta e organização do proletariado.

Assim, as condições para a revolução social existem e tendências que se reforçam em momentos de crises e acirramento da luta de classes. Essas separações são contratendências poderosas e que dificultam o desencadeamento da revolução. Sem a superação das separações, as explosões podem ocorrer, mas gerarão destruição sem construção.

Por qual motivo isso? A revolução proletária só pode ser vitoriosa se for uma revolução total. Uma revolução total só pode ocorrer com um processo generalizado dentro da sociedade. O capitalismo complexificou e ampliou a divisão social do trabalho em grau tão elevado que dificulta isso e mais ainda quando essa divisão atinge o próprio proletariado e o conjunto daqueles que poderiam juntos desencadear a revolução.

Marx sempre destacou que a união era um elemento fundamental para o que o proletariado rompesse com suas amarras e realizasse a transformação radical do mundo. O *Manifesto Comunista* termina, não sem razão, com a famosa frase: “proletários de todo o mundo, uni-vos!”. A união é a palavra-chave e o elemento revolucionário. O capital, no entanto, criou várias formas de desunião, desde a formação dos chamados “movimentos sociais”, que unem proletários e burgueses e garantem a hegemonia dos últimos, até movimentos sociais de apenas proletários que não agem como proletários e sim como meros reivindicadores de questões específicas. O proletariado e a divisão de classes são ofuscados por diversas outras divisões, de raça, sexo, cultura. No seio das esquerdas, o materialismo histórico é substituído por um essencialismo que não analisa as relações sociais em sua complexidade e sim atribui a grupos uma missão mística de libertação que desconsidera a realidade circundante.

Assim, a palavra de ordem dos revolucionários deve ser: união! União do proletariado é fundamental. No entanto, hoje não é suficiente. O proletariado em alguns países foi reduzido quantitativamente, as organizações burocráticas de esquerda reforçam sua desunião (tanto através de suas próprias disputas partidárias, eleitorais ou não, e sua força atuante que cria ações desunidas, quanto por causa das ideologias que elas reproduzem, sem falar no caso dos partidos que se envolvem com as disputas partidárias burguesas), ele foi separado da teoria.

As explosões sociais continuam ocorrendo, mas podem ser canalizadas para o fascismo, para o reformismo, para disputas interpartidárias e eleitorais. É por isso que é necessário, para os revolucionários sinceros e honestos, buscar agir no sentido de fortalecer os embriões da revolução social existentes na sociedade e isso significa reforçar a tendência revolucionária presente no proletariado e seus aliados.

A tarefa fundamental dos revolucionários é, assim, a da união, da organização, da consciência. Alguns revolucionários pensam apenas em um desses embriões da revolução e assim pouco contribuem para a libertação humana. Isso gera três estratégias

equivocadas. Alguns querem tornar a organização a questão suprema e que os trabalhadores devem se organizar e que isto bastaria para a realização da revolução proletária. Eles se esquecem que a organização proletária é uma parte do processo revolucionário e não ele em sua totalidade. Organização sem objetivos claramente definidos, sem capacidade crítica para impedir sua desarticulação ou corrupção, sem estratégia e sem teoria, é fraca e insuficiente. Outros querem ficar apenas no plano da consciência. A questão da consciência, incluindo a teoria, é fundamental e sem ela não haverá revolução. A consciência sem força numérica, sem organização, sem união, é insuficiente. Há aqueles que privilegiam a união, abstraindo as divisões e que não se trata de unir por unir, e sim de uma união de caráter revolucionário. Essa união pressupõe organização e consciência.

Assim, a tarefa dos revolucionários é reforçar estas três partes isoladas visando reuni-las e assim permitir que ao lado da explosão social ocorra um processo de construção da nova sociedade. A divisão social do trabalho no capitalismo separou essas três partes e o movimento revolucionário, junto com o proletariado e seus aliados, deve reuni-las. É por isso que essas três partes são embriões da nova sociedade.

É preciso atuar para que tais embriões se desenvolvam. O embrião da consciência deve se desenvolver como produção teórica, superação das ideologias e concepções burguesas, desenvolvimento da consciência revolucionária, propaganda de ideias. O embrião da organização deve se desenvolver através das ações espontâneas, mas também das ações revolucionárias que as incentivam (e que é um elemento de consciência). O mesmo ocorre com o caso da união.

Os observadores da revolução devem estar atentos a isso e compreender como certas explosões sociais geram revoluções e outras não (o que tem a ver com outros processos, como crises, ações de governos, etc.). Esses três embriões devem gerar uma fusão que, com o processo de explosão social, se concretiza por já estar esboçado e cada uma já ter esboços e contribuições para a reunião e fusão revolucionária. Acompanhar o desenvolvimento desses três embriões e o descompasso entre elas ajuda a entender como certas explosões sociais não geram revoluções e recuam, permitindo ao capital a canalização do descontentamento para outros setores e assim evitar o avanço da luta.

A nossa tarefa revolucionária é atuar nesses três elementos: cultura, organização e união. Reforçar as tendências revolucionárias nesse campo e sua unidade, o que

pressupõe romper com a separação provocada pela divisão social do trabalho no interior da força revolucionária composta pelo proletariado e seus aliados, intelectuais revolucionários, militantes revolucionários, descontentes que não são cooptados e nem dominados por ideologias, entre outros, sendo que cada um destes setores colaboraria para o desenvolvimento da consciência, da organização e da união revolucionária.